

## PARÂMETROS IDEOLÓGICOS DE PROJETO POLÍTICO DE NEGROS EM SÃO PAULO

— Um Ensaio de Antropologia Política

*João Baptista Borges Pereira\**

### *Introdução*

Desde a Proclamação da República, os negros têm procurado, a partir de certos princípios políticos, discutir seus problemas de grupo racialmente distinto dentro da comunidade nacional. A militância dos negros tem sido, em larga medida, graduada, condicionada ou afetada por limitações e concessões dos próprios regimes que se instalaram no poder ao longo do período republicano. Nesta trajetória, marcada por avanços e recuos, pode-se, todavia, destacar alguns momentos mais significativos: ao redor e ao longo da década de 30, antes do evento do Estado Novo; na redemocratização do país, em 1945; e, atualmente, nesta fase de relativa liberação do regime pós-64, quando há toda uma efervescência nacional em torno da temática político-eleitoral e que envolve, com diferente intensidade, os mais variados grupos e instituições que querem estar presentes na cena política do País. Agora, porém, há um dado novo, ou pelo menos, um dado mais definido: as reivindicações políticas dos negros se situam dentro de contexto mais amplo de reivindicações dos chamados grupos minoritários, marginais ou marginalizados: os grupos femininos, os homossexuais, as nações indígenas etc.

A rigor, não se pode afirmar que os negros assim se auto-situam. Pelo contrário, uma das idéias mais caras — como se verá oportunamente — que anima a atuação política do negro é a que expressa a recusa do grupo em ser conceitua-

---

\*Professor Titular de Antropologia da USP. Chefe do Departamento de Ciências Sociais da FFLCH da USP.

do como *minoría*. Até porque, não se sabe de qualquer aliança — tática ou estratégica — dos negros com os demais grupos minoritários, que de certa forma, referendariam, no plano empírico, tal conceituação. Porém, os partidos políticos os encaixam no rótulo genérico, a despeito das reprovações do grupo.

Essas idéias, crenças e opiniões aparentemente comuns a todos os negros que pensam e atuam politicamente em São Paulo, independentemente das posições específicas assumidas por este ou aquele grupo, por esta ou aquela instituição a que estejam filiados, formam espécie de modelo ideário ou ideológico que sustenta e delinea um projeto fundamental de negros em São Paulo, que talvez esteja muito próximo de um projeto político de todos os negros do Brasil. Para ser mais preciso, talvez se possa dizer tratar-se de configuração ideológica fundamental que orienta e legitima as propostas e atuações de negros envolvidos na política paulista, como arregimentadores de consciências, como aliciadores e formadores de eleitores, como candidatos a cargos eletivos, como políticos profissionais. Esses militantes negros procedem de instituições cristalizadas historicamente e de entidades criadas recentemente ao sabor dos acontecimentos atuais, procedem de movimentos negros e de partidos políticos ou, então, vieram atraídos por esse clima de muito falar e de muito escrever sobre o assunto.

Muitas considerações aqui desenvolvidas já foram discutidas em outros escritos e são agora retomadas de novos ângulos. Todas nascem de permanente reflexão sobre o tema e de permanente estado de pesquisa, através de discussões informais, entrevistas, participação formal e informal em reuniões, debates e colóquios e, também, de acompanhamento sistemático e constante dos discursos políticos de negros e brancos em circulação no momento atual da sociedade brasileira.

### *O Perfil da Ideologia*

1. *O advento de uma nova era para os negros.* Esta idéia, carregada de crença e esperança, que gera clima de grande entusiasmo e otimismo dentro do grupo, parte de críticas ao que foi feito no passado e nela estão implícitas algumas “certezas”, como: “a de que, agora, os negros sabem o que fazer e como fazer” — “hoje, não irão mais repetir os erros das gerações passadas” — “desta vez, os negros estão mais conscientes e mais unidos na luta pelas conquistas sociais”. Esta forma de pensar o momento atual parece explicar-se, em parte, pela percepção de uma geração jovem que, despida de adequado conhecimento da história das atuações políticas do negro no passado, tende a subestimá-las e achar que é esta a geração dona das fórmulas eficientes. Talvez possa explicar-se, também, pela experiência de uma geração que a ordem pós-64 excluiu de toda e qualquer prática e reflexão políticas típicas de regime pluralista. Para esta geração, há algo no ar, há algo

inédito na cena política, que substitui o marasmo ao qual se habituara e que tomara como sendo "normal". Nessa embriaguês nos domínios da ação política, o negro não está só. Ele a compartilha com outros segmentos sociais. Porém, o que marca especificamente a experiência atual desta nova geração negra, que desponta para a vida social e política, é o fato, para ela inusitado, de poder participar ininterruptamente de reuniões com seus pares raciais, quando temas até então tratados em surdina, em tons coloquiais, são discutidos abertamente. Os debates e as opiniões sobre o negro e seus problemas correm livres numa seqüência inédita de reuniões, debates, colóquios, encontros, ou então, ganham público maior veiculados pelos principais mecanismos de comunicação de massa do País.

Esse discurso eufórico cria espécie de *caixa de ressonância* que realimenta incessantemente o clima de euforia que, por sua vez, alimenta, justifica e dá consistência ao ideário da nova era. Só que a *caixa de ressonância* é até certo ponto viciada. Isto é, são sempre as mesmas pessoas, falando as mesmas coisas, para as mesmas pessoas. É sempre o mesmo grupo diminuto que ao "fabricar" e "consumir" permanentemente as mesmas posições, as mesmas idéias, as mesmas "verdades", corre o risco de cair em dupla armadilha: primeira, a de se representar como réplica do mundo negro mais amplo; segunda, a de se esquecer de que constitui produto de longo processo histórico dentro do qual o momento que está vivendo — ou talvez construindo — é apenas fase com características especiais que não a transforma necessariamente no limiar de nova era para a situação do negro no Brasil.

2. *A esperança de futuro fraterno.* Se há um ponto sobre o qual todos os negros estão de acordo é sobre a falta de acordo dos diferentes grupos e personalidades negras no tocante ao diagnóstico dos problemas mais fundamentais da "raça" e às táticas e estratégicas a serem empregadas para solucioná-los. Tudo indica que o consenso tem sido possível em torno das medidas que visem, senão eliminar, pelo menos aplacar as manifestações de preconceito e discriminação que armam um quadro de violência que alcança todos os negros do país, independentemente de quaisquer outros qualificativos que cada qual venha a ostentar. Os menos favorecidos sentem diretamente na carne a violência da miséria aliada, muitas vezes, à violência física e policiaesca. Os negros de classe média sentem-na em termos de bloqueios a seus anseios e projetos de mobilidade social. Enfim, todos são negros e como tais são tratados, obrigando-os a se reconhecerem como membros do mesmo grupo. Parece claro que esta falta de consenso tem muito a ver com as próprias características de nosso modelo histórico de convivência inter-racial, que apela, de um lado, para a integração como valor máximo nacional e, de outro, complementarmente, desestimula a formação de fraternidades nacionais ou alianças fraternais fundamentadas em traços étnicos ou raciais. Talvez isto explique a falta de lideranças fortes e duradouras no meio negro capazes de empolgar o grupo todo numa luta em torno de ideais comuns. Ou então, se

possa interpretar esta carência de lideranças fortes como componente do comportamento de personalidades que se ressentem no seu dia-a-dia de maior realização social e transferem para o plano das reuniões seus anseios de afirmação de *status*, desencadeando com este comportamento um tipo de competição em torno da liderança que acaba, fatalmente, por impedir o próprio surgimento de líderes fortes. Em reunião de negros, por menor que seja o número de indivíduos presentes, o que se faz notar é a desunião e o desacordo, que se expressam pela palavra dura, até por certo destempero de linguagem.

Ante este quadro de desarmonia que a todos desalenta surge a esperança na idéia muito acalentada de que este estágio é passageiro, caminho obrigatório de passagem para um futuro onde os negros, irmanados pela raça, pelas mesmas aspirações e pelos mesmos problemas, lutarão juntos pelos mesmos objetivos, pelos mesmos ideais.

3. *A inversão na dialética das cores.* Peça ideológica fundamental nos discursos desses negros é a afirmação de que o grupo racial é majoritário na sociedade brasileira, descartando assim o conceito qualitativo de minoria que as ciências sociais e os partidos políticos atribuem. É o conceito que designa o grupo de uma comunidade nacional que, independentemente do seu montante populacional, não é o dono de sua vontade, não tem pleno domínio de seu destino histórico e que, comparado aos demais grupos sociais, encontra obstáculos extras para seu acesso às oportunidades — sociais, culturais e políticas — que uma sociedade de classe proporciona, teoricamente, a todos os seus membros.

Esta peça ideológica foi bastante fortalecida com os primeiros dados do último censo, (1980) que dão ao segmento pardo somado ao negro, percentual expressivo em relação ao considerado branco da população brasileira. No plano puramente factual poder-se-ia minar este argumento interrogando-se sobre o que se entende por "pardo" no Brasil, ou demonstrando-se a precariedade dos primeiros resultados censitários, ou ainda, poder-se-ia afirmar que, comparativamente ao último censo (1960) em que a variável racial foi considerada, o atual censo registra decréscimo da população negra. Todavia neste enunciado ideológico o que menos importa é a lógica e a eloquência dos fatos. A ideologia está de pé, reforçada como peça mestra da bandeira-de-combate.

Com relação a este tópico, transcrevo o que escrevi em outro trabalho: "Ao que tudo indica, esta insistência numa auto-definição de maioria é uma reação no plano ideológico, ao processo histórico de depauperamento demográfico da população negra, perpetuado através da miscigenação e, sistematicamente denunciado em todos os discursos dos negros, nestes últimos anos. Neste ponto, ao mesmo tempo que procura ampliar os limites do que é tido e reconhecido como negro na população brasileira, esta linha ideológica busca aliciar para uma mesma ação política, aqueles que, pelas suas características somáticas, permanecem ambivalentes nas fronteiras entre os dois mundos: o dos negros e o dos brancos. É preciso, como ato político fundamental, 'construir' ideológica e política-

mente mais negros, ampliar quantitativamente uma população que vem sendo dizimada. Para isso, a estratégia consiste em inverter o processo real, começando por substituir a expressão 'quem escapa de negro é branco' pela 'quem passa de branco é negro'".

Para que esta eventual maioria demográfica se torne, realmente, maioria política é preciso que o grupo aceite e vença um desafio: o de criar nexos de lealdade que unam todos os negros e negros de todos os matizes no mesmo projeto político nucleado em torno da raça. Lealdade que supere a indiferença dos negros pelos negros, que elimine o distanciamento preconceituoso entre negros e mulatos, que bloqueie os pactos de cumplicidade de negros e mestiços com o mundo dos brancos.

Em todos os discursos, os negros revelam consciência aguda de que esta falta de união é que os impede fundamentalmente de se tornarem, de fato, a aspirada maioria política. Daí o apelo constante à unidade e ao recurso ideológico de se representarem como grupo unido, compondo, desta forma, autêntico esquema de transferência, que pode ser captado em vários planos. Encontram-se manifestações desse esquema, no nível da nomeação institucional, quando historicamente escolas de samba ou grupos de folia vêm incorporando, quase que obrigatoriamente, em seus nomes as palavras *unidos*, *união* etc., ou, quando, hoje, o movimento político mais expressivo e ambicioso, formado em São Paulo, se intitula Movimento Negro *Unificado*. Encontram-se nas assembleias e reuniões, quando a palavra-de-ordem é a *união*, ou, quando, em acaloradas discussões, repudiam-se sistematicamente quaisquer alusões a pluralidade de um — e de apenas um — movimento negro que — admite-se — possa expressar-se de várias maneiras e em diversas correntes, sem contudo quebrar a sua unidade. Encontram-se, ainda, no discurso mitológico, quando Zumbi de Palmares surge como o arquétipo do negro leal a sua etnia, a antítese do negro indiferente a sua raça, o avesso do negro acumpliciado com idéias e aspirações não-negras.

Atrás desta reivindicação de *status* de segmento maioritário existe estratégia — ou talvez inadvertida — confusão entre população negra e "cultura negra". Sabe-se que está em marcha um processo histórico, que ganha, nos dias atuais, contornos bem definidos, de desvinculação da cultura negra em relação ao grupo racial a que esteve historicamente e logicamente associada. Na outra face deste distanciamento entre raça e cultura, está o processo de integração de elementos culturais negros no contexto da cultura brasileira, dando-lhe marcas de autenticidade nacional e passando esses elementos culturais a todos os que se dizem e se reconhecem brasileiros. Tal onipresença de traços culturais negros em todas as expressões da cultura brasileira dá ao negro a ilusão de uma presença racial e social, quer em termos quantitativos, quer em termos qualitativos, que o grupo está longe de poder ostentar.

4. *A meta da integração.* A ideologia da integração do negro continua firmemente implantada no discurso desses negros políticos, apesar de eventuais

“namoros” com modelos segregacionistas, como o norte-americano. Embora seja enunciada de forma ambígua, não há margem para se duvidar de sua existência como peça essencial do projeto social e político do negro brasileiro. Eventuais e tímidas propostas visando a formação de um partido exclusivo de negros foram sempre sistematicamente recusadas como sinal de racismo às avessas, como algo atentatório ao modelo integracionista nacional. A recusa à proposta não se justifica a partir de sua impraticabilidade política. Isto não é sequer discutido. Ela fere, desde logo, o plano dos valores, como idéia inadmissível e prática jamais desejada por qualquer indivíduo, grupo ou facção. Toda a luta tem como objetivo garantir a plena participação do negro na vida nacional, o seu conagraamento com outros segmentos populacionais, a colocação do negro em pé de igualdade com o restante da população. É, acima de tudo, um clamor de justiça de quem deseja e se sente no direito de ser aceito, de quem quer o reconhecimento social, de quem quer pertencer. Não é a luta de quem aspira construir um corpo diferente, estranho no organismo social. Contudo, essa luta no campo das idéias se faz contraditoriamente, tortuosamente, plena de recusas. Recusa-se toda a afirmação — ou a simples alusão — de que as conquistas sociais que beneficiaram o grupo negro através dos tempos foram conseguidas com o auxílio ou como concessão dos brancos; recusam-se as alianças, que minariam a tão cultivada imagem de grupo auto-suficiente; recusam-se as explicações que os tirem da condição de “senhores da história”, responsáveis, como poder revolucionário, por eventos históricos como, por exemplo, a abolição.

Há implícita nesta lógica, conceito unilateral de integração, como se a integração social não fosse o encontro de duas vontades social, cultural e politicamente construídas: a vontade de ser aceito e a vontade de se aceitar.

No fundo, é uma luta que busca a aceitação através da dialética da rejeição.

Dois pontos afloram quando se discute este tópico: o primeiro diz respeito a estratégia da integração; o segundo, a questões de raça e classe.

a) *A estratégia da integração.* Todo este clima político e pré-eleitoral que envolve o negro, com a volta das reuniões e dos debates onde o tema é sempre a raça, parece levá-lo a simplificar o problema do grupo enquanto problema social. Tal simplificação consiste em considerar que a integração social passa obrigatoriamente pela integração política e nela se esgota. Como consequência, é para este nível que são deslocados todos os problemas do negro no Brasil e onde são procuradas as fórmulas de solucioná-los. Desta idéia para a idéia de que o negro só pode militar e votar em partidos da oposição vai um passo. Tal concepção de militância política parece perpassar o ideário de todos os grupos minoritários e deste ponto de vista o negro assume comportamento e atitude de *minoría*. Isto é compreensível, pois na dialética de grupos dominados e dominadores, a situação é sempre sinônimo de opressão e a oposição, de libertação. Esta associação é muito forte nos movimentos políticos negros que, por definição, são contesta-

dores da ordem e respeitam apenas a sua disciplina. No instante em que a atuação política passa a ser feita através de siglas partidárias, esta lógica política leva-os, como que naturalmente, para os quadros da oposição. A rigor é preciso que se diga não ser o programa partidário que os atrai. No fundo, todos os partidos brasileiros, no afã de atrair eventuais eleitores de grupos minoritários, têm o mesmo discurso. O que torna um partido preferido pelos negros é o fato de ser da oposição, de ser contra. Os políticos negros, que foram eleitos pela oposição e que na criação do pluripartidarismo optaram pela situação, são vistos como "traidores da raça", identificados com o mundo dos opressores, e, indiretamente, com o mundo dos brancos.

b) *Questões de raça e classe.* A ideologia da integração coloca em discussão temas como preconceito de cor ou de raça e preconceito de classe, que é o grande domínio da ambigüidade do negro, representando sério desafio para o projeto político do grupo. Como os teóricos acadêmicos ao estudar o negro, os partidos políticos e os próprios negros não sabem como lidar com esta ambigüidade. Os partidos políticos tratam o negro ora como parte de uma nebulosa minoria carente de participação social, onde se alinham mulheres, homossexuais, índios etc., ora como componente desadjetivado da sociedade brasileira, nivelando desta maneira os seus eventuais problemas específicos aos problemas nacionais. É a representação que o modelo multi-racial brasileiro passa para os teóricos e práticos da política, que aliás se infiltra por todos os planos da cultura nacional. Ela é parte central, ou pelo menos altamente relevante, das ideologias da democracia racial e da integração nacional, faces da ideologia da integração racial no corpo nacional, tão cara aos brasileiros de todas as nuances.

Esta dificuldade no diagnóstico do que se deve à raça e do que se deve à classe nos problemas enfrentados pelo negro, deixa como saída a opinião de que *o que é bom para o homem carente brasileiro é excepcionalmente bom para o negro, tendo em vista as suas condições de os mais carentes dentre os carentes da grande massa brasileira.* Difícil, quase impossível, não aceitar este raciocínio. É preciso, porém, reter que esta política atende às aspirações de um tipo de população negra, carente sob todos os aspectos. Mas — e neste ponto o problema do negro é projetado para o futuro — os negros que já ultrapassaram a barreira da carência fundamental, que são os que estão refletindo politicamente o tema, têm experiência diferente. Paradoxalmente, eles sentem o problema da cor com mais intensidade, pois, em larga medida, as suas aspirações de classe são afetadas ou torpedeadas pelas suas características raciais. Para estes negros, tecem-se novos planos de cruzamento de problemas de raça e de classe que, por sua vez, esboçam mais um nível de ambivalência, perplexidade e desorientação a conturbar os domínios políticos. Em síntese, a ideologia da integração não consegue superar a dificuldade de encontrar uma fórmula político-ideológica capaz de atender, ao mesmo tempo, a especificidade do negro como grupo racial diferenciado e a sua generalidade ou inespecificidade como grupo nacional.

5. *A ideologia da seriedade e da eficiência.* Historicamente, no Brasil, o negro esteve sempre associado de forma estereotipada à indisciplina, ao histeriônico e à preguiça da vida nacional. Negro é batuque, é samba, é música, é malandragem, é futebol, é vagabundagem, é, enfim, tudo aquilo que representa a antítese de uma ideologia que, de início identificada aos empreendimentos colonizadores dos brancos, foi pouco a pouco compondo o ideário de sustentação do Brasil capitalista. Esta ideologia, que exalta o trabalho e a seriedade, a eficiência e o racional como valores supremos, ganhou fôlego novo com o modelo sócio-político implantado no País a partir de 1964.

Projetos que procuram infiltrar o negro nas estruturas de poder não podem desconhecer a representação estereotipada do negro e não conseguirão permanecer alheios ao fascínio da visão de mundo que enaltece a seriedade e a eficiência. Isto coloca em pauta duas linhas de atuação, que se complementam.

A primeira, tenta de várias maneiras redefinir a imagem negativa de negro em circulação na sociedade brasileira procurando adequá-la a novos estilos de vida. Tal redefinição leva o discurso político a conceder grande atenção à instrução formal; a combater os mecanismos de comunicação de massa que propagam essa imagem desabonadora de grupos étnicos; a se colocar e a colocar o negro em permanente estado de ambivalência na busca de uma etnicidade ou identidade cultural: associar o negro a elementos culturais que historicamente vêm comprometendo a sua imagem como ser social sério e construtivo? Ligar o negro a raízes africanas, o que reforçaria de alguma forma sua dimensão exótica mas que, em compensação, lhe daria respeitabilidade cultural, graças ao prestígio internacional das jovens nações africanas? Associá-lo a padrões culturais de classe média, em que não há grandes espaços para exotismo e onde valores e preocupações com a seriedade e a eficiência gozam de posição privilegiada?

A segunda linha de atuação se desenvolve ao nível das reuniões. Nota-se a preocupação obsessiva por "rendimentos práticos" das reuniões, o que indicaria capacidade de organização, definição clara de objetivos e disciplina na discussão dos temas. Em contrapartida, observa-se indisfarçável intolerância com relação a negros que, prolixos, se estendem em considerações fora da pauta da discussão. (Significativamente, usa-se, ao exagero, nessas reuniões o termo "falação" para designar o uso da palavra). Como isto é corriqueiro, constitui sempre ponto de discórdia no grupo e até de motivo de abandono da reunião, por parte dos mais intolerantes. Esquecem-se estes que tais encontros proporcionam momentos de catarse, quando problemas recalcados por histórico sistema racial repressivo ganham oportunidade de serem debatidos em auditório que, por definição, deveria ouvi-los de forma mais compreensiva. A reunião é o momento de lavar a alma entre iguais, a hora de se falar de tudo o que se puder falar a respeito de assuntos que os afetam tanto e que, paradoxalmente, lá fora não são levados a sério. É, enfim, a oportunidade de a voz de um grupo silencioso ou silenciado se fazer ouvir, não importa se fora ou dentro de disciplina de reuniões, não im-

porta se para alcançar ou não resultados práticos. Há uma compulsiva necessidade de se falar — e se fala — para desespero dos que esperam pela palavra útil e adequada aos padrões da eficiência, da seriedade, da objetividade.

### Conclusão

É evidente que o momento histórico atual não é o nascedouro de toda esta efervescência ideológica, mas, também, parece plausível a hipótese de que este clima político e pré-eleitoral que alcança todo o país e envolve de forma muito especial certas parcelas da população negra, tem duplo significado em termos dessa ideologia, onde se cruzam, a toda hora, elaborações de raça, cultura e de classe. Em primeiro lugar, porque no contexto histórico atual essas formulações ideológicas ganham disciplina — ou contornos mais definidos — em função de projetos eminentemente políticos. Em segundo lugar, porque todo esse clima se constitui numa espécie de laboratório para se testar a consistência dessa ideologia para arregimentar política e eleitoralmente o negro de São Paulo. Em função deste teste, muitos aspectos serão reforçados, outros reformulados, e outros simplesmente serão descartados.

### BIBLIOGRAFIA

- BORGES PEREIRA, João Baptista — “Aspectos do comportamento político do negro em São Paulo. Comunicação apresentada no V Encontro Nacional de Pós-Graduação, Nova Friburgo, 21 a 23/10/81. In: *Ciência e Cultura*, SBPC, São Paulo, Vol. 34, nº 10, 1982.
- BORGES PEREIRA, João Baptista — “Estudos antropológicos e sociológicos sobre o negro no Brasil”. In: *Contribuição à Antropologia em homenagem ao Professor Egon Schaden*. São Paulo, Coleção Museu Paulista, Série Ensaios, vol. 4, 1981. (Organizadoras: Thekla Hartmann e Vera Penteadó Coelho).
- BORGES PEREIRA, João Baptista — *A folclorização da cultura negra no Brasil*. Simpósio *Etnia e Racismo*, promovido pela UnB/EAFORD, Brasília, 26 a 27/02/81.
- FERNANDES, F. — *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo, Dominus/EDUSP, 1965, 2 v.
- NASCIMENTO, Elisa L. — *Pan-Africanismo na América do Sul*. Petrópolis, Vozes, 1981.
- NOGUEIRA, O. — Preconceito Racial de Marca e Preconceito Racial de Origem. *Symposium etno-sociológico sobre comunidades humanas do Brasil*. Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas, pp. 409-417, São Paulo, 1955.